O desenho como prática educativa na educação infantil: um salto qualitativo na aprendizagem

Douglas de Castro Seabra*
Heloísa Helena Galúcio da Costa Aguiar*
Márcia de Souza dos Santos*
Simone Cristina Fernandes*
Wanda Maria Soares Gomes Ribeiro*
Orient.: Vera Lúcia Lins Sant'Anna**

RESUMO

O presente trabalho aborda o tema do desenho na educação infantil como uma prática educativa que pode vir a contribuir no processo ensino-aprendizagem da criança. Para isso foi necessário, primeiramente, constituir o arcabouço teórico da pesquisa, em seguida, foi elaborado o plano de ação que viesse a nortear a pesquisa para o próximo passo, a pesquisa de campo. O estudo do tema torna-se importante uma vez que o profissional da educação infantil deve compreender e utilizar o desenho como uma prática educativa benéfica ao desenvolvimento da criança e à sua aprendizagem nas séries iniciais. O trabalho aborda quatro momentos da pesquisa: uma breve historiografia do estudo do desenho infantil, a evolução do desenho infantil, alguns dos tipos de desenho que podem ser utilizados pelo educador e, por último, a relação existente entre o desenho e a aprendizagem para as crianças da educação infantil.

Palavras-chave: Desenho infantil; Ensino-aprendizagem; Práticas educativas.

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por tema “O desenho na educação infantil como uma prática educativa” que pode contribuir, significativamente, para a aprendizagem dos alunos que estão sendo preparados para ingressar no Ensino Fundamental e foi realizado no primeiro semestre de 2008. O objetivo geral do trabalho foi analisar o desenho como um aspecto importante para o desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil. Os objetivos específicos foram: verificar como os alunos elaboram/constroem o desenho a partir do conteúdo dado; compreender como os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores aparecem nas atividades desenvolvidas; diagnosticar os tipos de desenhos com que os professores trabalham e compreender como os professores trabalham o desenho no processo ensino-aprendizagem na Educação Infantil.

Cumpramos ressaltar que o enfoque do trabalho é estritamente pedagógico, não abordando, dessa forma, a questão psicológica dos desenhos das crianças, mas enfatizando a relação desenho-aprendizagem na educação infantil.

No intuito de atingir os objetivos propostos inicialmente para a realização de todo o processo investigativo, o artigo foi estruturado em quatro subtópicos: o primeiro apresenta uma breve estruturação temporal do estudo do desenho e de sua valorização; o segundo, uma explanação sobre a evolução do desenho infantil desde os seus primeiros traços até os seis anos, que foi o enfoque da pesquisa; o terceiro aborda, a partir dos dados da pesquisa, os tipos de desenho que o educador pode utilizar em sala de aula e, por fim, a relação do desenho com a aprendizagem da criança.

2 - APRECIACÃO HISTÓRICA DO ESTUDO DO DESENHO INFANTIL

De acordo com Meredieu (2004, p. 2-4), o interesse pelo desenho infantil como objeto de estudos e pesquisas data dos fins do século XIX. A princípio relacionados com os primeiros trabalhos da psicologia experimental, os estudos foram se diversificando e diferentes disciplinas, como a psicologia, a pedagogia, a sociologia e a estética, puderam beneficiar-se com tal contribuição. A partir da percepção desse autor, é possível elaborar uma breve cronologia do tema, a saber:

* Graduando em Pedagogia com Ênfase em Docência e Gestão na Educação Infantil pela PUC Minas.

** Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Educação. Professora da PUC Minas. E-mail: verasantanna@hotmail.com

1880-1900 - é reconhecida a originalidade da infância; influência das ideias de Rousseau, em Pedagogia, que levou a distinguir diferentes etapas no desenvolvimento gráfico da criança.

1926 - o desenho é introduzido no tratamento psicanalítico. O “sentido estético” da criança é levado em consideração. A sociologia aborda a comparação entre os desenhos infantis de diversos países.

Momento atual - os estudos sobre o desenho beneficiaram-se da contribuição – considerável em psicologia infantil – da obra de Piaget, e prosseguem no sentido de uma elucidação dos mecanismos da expressão infantil, expressão que não é mais gráfica e plástica apenas, mas também gestual e musical. (MEREDIEU, 2004, p. 2).

Inúmeros são os autores, com diferentes olhares, que analisam e ressaltam o estudo e o reconhecimento do desenho na educação infantil, bem como a sensibilização dos profissionais atuantes nessa área para usufruírem dessa prática educativa.

3 - EVOLUÇÃO DO DESENHO INFANTIL

O desenho é uma necessidade do homem desde a época das cavernas. Para a criança, o desenho engloba um conjunto de suas potencialidades e capacidades, pois, quando começa a andar, concomitantemente, já utiliza o lápis para os seus primeiros rabiscos. Ao utilizá-lo, produz uma “marca”, os primeiros rabiscos. (GREIG, 2004).

Jacques Rousseau descobriu o grafismo como a maneira própria de ver e de pensar da criança. As concepções relativas à infância foram mudando e, face à originalidade do seu desenvolvimento, admitiu-se a especificidade do processo de desenvolvimento do desenho infantil. O desenho constitui uma língua que possui vocabulário e sintaxe próprios. Os primeiros rabiscos são realizados sobre livros e folhas. Ao final do seu primeiro ano de vida, a criança é capaz de produzir seus primeiros traços gráficos, fase conhecida como de rabiscar ou garatujas. (PIAGET *apud* MEREDIEU, 2004).

O ato de fazer a garatuja proporciona prazer à criança ao ver o desenho em uma superfície, pois constata o efeito visual de sua ação. Posteriormente, as garatujas deixam de ser um movimento de ir e vir para ser mais um movimento mais ordenado, pois a criança desenvolve a intenção de elaborar as ima-

gens, com desenhos presentes no seu ambiente. Ela sai do espaço do papel para a parede, a areia, ou qualquer outra superfície. Para ela, o desenho serve para imprimir o que se vê. Por meio do desenho, a criança cria e recria. (GREIG, 2004).

À medida que rabisca, ela transforma seus rabiscos em círculos, progredindo gradativamente da “Figura Radiante”, “Figura continente” para realizar, em seguida, a “Figura Girino” em torno dos 3 anos e meio, adquirindo o duplo controle de partida e de chegada, marcado pela realização do círculo, por volta dos 3 anos, e do quadrado, por volta dos 4 anos (figura mais complexa), como ficou constatado nos estudos de Greig (2004, p.19). Para passagem do homem-girino para o homem com cabeça, necessita de um ano para a transformação, porque a cada trimestre a criança alcança enriquecimentos na forma dessa cabeça, acrescentando nela cílios, sobrancelha, pupila, orelhas ou bochechas, sendo que a diferenciação de gênero ocorre, basicamente, pelos cabelos, pelos chapéus e pelas roupas. A casa, o animal e a árvore participam na evolução e vão dando a noção do espaço. A criatividade está em todo seu esplendor e as cores são bem marcadas.

O ato de rabiscar é um impulso gráfico primordial. É nos primeiros 3 anos de vida que, segundo Montagner, existe o confronto do próprio domínio da motricidade e das necessidades básicas com a ocupação mais ativa do seu espaço (GREIG, 2004, p.19). No segundo ano de vida, começam as primeiras frases e com elas os dois primeiros desenhos base, que são o movimento circular e o movimento de vaivém. Aos 3 anos, a criança diz “eu” e domina a linguagem corrente, já traça o círculo e já possui a sociabilidade desenvolvida. Antes mesmo disso, já realiza a figura do girino. Como o desenho consiste em uma linguagem gráfica, tem várias representações de acordo com o estágio em que a criança se encontra. A criança utiliza um verdadeiro repertório de signos gráficos, sol, bonecos, casa, navio. A forma não é o mais importante, segundo Meredieu (2004), mas sim a gramática gerativa que permite compreender como uma criança passa de uma figura para a outra, como consequência da evolução da criança: determinado tipo de desenho ou figura perde o significado, sendo substituído por outro, que toma o seu lugar.

O boneco girino dá origem a sóis e suas variações com cabeça humana, depois da mesa quadrada

com seus quatro pés. O desenho infantil começa com formas simples como círculos, quadrados, triângulos, imagens de abóboras, funil, signos em V que, combinados, geram várias figuras do vocabulário infantil. O signo vai se enriquecendo e sofrendo mutações gráficas e plásticas, o que faz com que, por exemplo, uma criança por volta dos 5 anos tenha a construção de sua personagem desenhada bem estruturada.

Meredieu (2004, p.20-24) caracteriza como as Grandes Fases da Evolução, de acordo com o que Luguét distingue como os quatro estágios na evolução do grafismo infantil:

- Realismo Fortuito: inicia-se por volta de 2 anos e põe fim ao período chamado rabisco, já começa a realizar o traçado e dar nome ao seu desenho.
- Realismo Fracassado: inicia-se por volta de 3 e 4 anos e se sucede de fracassos e sucessos na elaboração dos traçados.
- Realismo Intelectual: inicia-se em torno de 4 anos e vai se estender até 11/12 anos. A criança desenha não aquilo que vê do objeto, mas o que sabe. Assim, a casa é representada de fora e de dentro e o bebê é representado na barriga da mãe em forma de transparência.
- Realismo Visual: 12 anos e, às vezes, desde os 8/9 anos. Grafismo adaptado à produção adulta, às suas leis, perdendo sua autenticidade. As transparências para a criança são uma maneira de traduzir uma experiência afetiva e especial.

4 - ABORDANDO DIFERENTES TIPOS DE DESENHOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Como pesquisadores, procuramos analisar como a criança representa graficamente o seu mundo no desenho, apoiando-nos em trabalhos vinculados a uma visão construtivista da aquisição de conhecimentos, focando, principalmente, o desenho como uma importante prática pedagógica na aprendizagem durante a passagem da criança pela Educação Infantil.

Segundo Piaget citado por Pillar, o desenho

[...] é uma forma de representação que supõe a construção de uma imagem bem distinta da percepção. O que é desenhado não é, então, a reprodução da imagem percebida visualmente, nem a imagem mental que a criança tem do objeto, consiste, sim, na construção gráfica que dá indícios do tipo de estruturação simbólica

que a criança tem naquele momento. (PIAGET apud PILLAR, 1996, p.42).

Conforme o autor, as crianças atribuem diferentes papéis ao desenho, por isso é importante considerar as diversas estratégias criadas por crianças de um mesmo estágio de desenvolvimento gráfico, para que isto venha a representar um salto qualitativo em sua aprendizagem. A criança busca representar no desenho sua visão de mundo e, para isso, toma o real como referência. Este real, para Piaget, é reconstruído pelo sujeito para apropriar-se dele, e a escola, em sua função primordial, não pode ignorar o conhecimento que a criança já possui, mas sim deve utilizá-lo como uma ferramenta facilitadora para a construção dos conhecimentos escolares.

Gardner considera que:

[...] o desenho da criança atinge o seu ápice quando ela busca explorar as possibilidades e as limitações dessa linguagem, [...] ela começa a criar cenas com os objetos, isto é, estabelece um vínculo entre as formas desenhadas e sua disposição no espaço da folha. (GARDNER apud PILLAR, 1996, p.47).

Portanto, de acordo com as reflexões de Analice Dutra Pillar (1996, p. 47-48), ao desenhar, a criança está relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginativo. E, quando se apropria das convenções do desenho, a criança está aprimorando esse sistema de representação gráfica. Isso quer dizer que, em sua interpretação do espaço, ela pode valer-se de recursos ilusórios, como um artista.

Na seleção de sujeitos para a pesquisa, procurou-se escolher aqueles que tivessem experiências diferenciadas, sendo estudantes da Educação Infantil (quatro e cinco anos) e do 1º ano do Ensino Fundamental (seis anos de idade). Foram analisadas as representações gráficas de oito crianças, quatro de instituições particulares (de Contagem e Belo Horizonte) e quatro da rede pública municipal (Belo Horizonte e Esmeraldas). Em cada escola, foi realizado um tipo de atividade, sendo realizadas ao todo quatro atividades, selecionadas entre outras utilizadas por Pillar (1996, p.57-68) em sua obra, assim especificadas: desenhos espontâneos; desenhos cópia (reprodução de traçados); atividades de registro (desenho da história) e desenhos de observação.

O desenho espontâneo, por se tratar de uma atividade não dirigida, propicia conhecer o universo simbólico, temático e conceitual da criança, é ela quem vai escolher o que desenhar, de acordo com os interesses próprios naquele momento. Nessa modalidade de desenho, o professor encontra uma importante ferramenta para perceber a fase de desenvolvimento de seu aluno, conhecer um pouco da visão de mundo através dos desenhos, a psicomotricidade e a personalidade da criança.

Essa atividade foi realizada na Escola Municipal Francisca de Paula, com o aluno A e a aluna B, ambos com cinco anos de idade e alunos regulares do 2º Período. Durante o momento em que as crianças desenhavam, foi possível perceber que o aluno A não utilizou nenhum lápis de cor, apenas o lápis de escrever, com traços bem marcantes. Seu desenho já apresenta um esquema corporal típico do realismo fracassado, com indícios de desenvolvimento para o realismo visual. Seu desenho retrata duas personagens que têm do lado esquerdo da folha duas flores que são maiores do que eles, e ainda o desenho de três corações em cima das figuras.

O desenho da aluna B apresenta um cuidado maior com a estética do trabalho, fato constatado quando a aluna desmanchou o desenho de sua personagem e o reelaborou de uma forma diferente. Ela retratou uma figura feminina sorrindo no centro da folha, desenhando ao redor flores e uma árvore de cada lado. A criança está na Idade de Ouro do desenho, pois se percebe em seus traços a evolução do personagem – a construção do esquema corporal.

O teste de reprodução de traçados, elaborado por Piaget e outros pesquisadores, tem por objetivo analisar a construção gráfica de formas geométricas simples como o círculo, o quadrado, o triângulo, o losango, etc.; por meio da imitação de modelos, numa tabela pré-definida pelo pesquisador. Piaget diz que “a imitação nada tem de ‘automática’ ou de ‘involuntária’, mas, pelo contrário, denuncia bem depressa a existência de coordenações inteligentes, o sujeito imita apenas o que compreende”.

Essa atividade foi aplicada na Escola Municipal Marieta Rodrigues Soares, com dois alunos com cinco anos de idade, do 2º Período da Educação Infantil. Para a realização dessa atividade, foi entregue uma folha com as seguintes figuras, respectivamente: quadrado, círculo, linha, triângulo e coração. Pode-se

observar que o aluno C tentou reproduzir aquilo que ele conhece dos traçados, sua psicomotricidade está coordenada, pois, ao segurar o lápis, o aluno demonstra segurança na forma de usá-lo. Ele encontrou um pouco de dificuldade ao desenhar o triângulo, que é uma figura que ele ainda não domina aparentemente e que ocasionou um desenho parecido com um quadrado e, ao final, ele preferiu não colorir. O segundo aluno, caracterizado como aluno D, optou por colorir os traçados modelo, deixando de cumprir o objetivo estipulado para essa atividade, que era o de reproduzir as figuras, e escreveu uma letra nos dois primeiros desenhos e, após isso, encerrou suas atividades. Segundo relato da sua professora, esse aluno tem dificuldades cognitivas de realizar as atividades propostas em sala, ele requer atenção constante na orientação das atividades diárias.

O desenho da história é uma atividade que consiste em o pesquisador ler uma história para a criança e após, então, a criança simboliza a história através do desenho. O objetivo é analisar como a criança reconstitui a história contada, através do desenho, e quais as relações que estabelece entre suas vivências, a história e sua representação no desenho.

Os dois desenhos analisados foram produzidos pela aluna E e pelo aluno F, de 6 anos, estudantes do 1º/9 (antigo 3º Período) do Ensino Fundamental, no Colégio Paulo Freire. Inicialmente, foi contada a história “Bibi vai para a escola”; após ouvir a história, a aluna E foi convidada a desenhar. Primeiro, ela desenhou uma menina e, depois, mais duas crianças, uma de cada lado. Então, finaliza desenhando lágrimas em todas as crianças. Quando termina, conta que “Bibi não queria ir para a escola, mas a mãe dela levou e, quando chegou lá, ela chorou e todo mundo chorou.”

No desenho dessa aluna, identificamos aspectos do Realismo Intelectual, em que a criança desenha o objeto, não aquilo que vê, mas o que sabe. Assim, a menina da história é representada não exatamente como ela está no livro, mas de acordo com a capacidade motora da aluna. Podemos notar, ainda, que tal desenho é característico da Idade de Ouro do desenho, segundo a nomenclatura utilizada por Greig (2004) e Pillar (1996), que é um estágio marcado pela construção de um sistema de relações entre as representações de forma, de espaço e de cores. A criança caracteriza suas formas com riqueza de deta-

lhes e diversifica seu repertório. Surgem as primeiras preocupações com a distância entre os objetos e de suas projeções no espaço.

O Aluno F, após ouvir a mesma história, “Bibi vai para a escola”, começa a desenhar algumas crianças, apaga o desenho algumas vezes, continua, apaga e, enfim, termina não colorindo o desenho. Reconta a história de maneira similar à primeira aluna “A Bibi ficava assistindo televisão e não queria ir para a escola, aí um dia a mãe dela a levou e, na escola, ela chorou e todo mundo chorou junto. No final, o pai dela deu um presente”.

Nesse desenho, podemos afirmar que o aluno se encontra na fase de Realismo Fracassado, típico de crianças na faixa etária entre três a quatro anos e se sucede de fracassos e sucessos na elaboração dos traçados. Tal desenho é típico da Atividade Simbólica, quando a criança começa a se interessar por representar objetos variados, desenha dentro de um contorno único as partes do objeto sem integrá-las. A disposição dos objetos no espaço não obedece a um sistema, cada um é disposto na folha aleatoriamente. A natureza do desenho está relacionada ao modo realista de representar objetos. Os desenhos com deformações são considerados feios. O erro surge como imprevisto dentro de um planejamento prévio ou como ausência de um plano adequado à cena a ser representada, no desenho refere-se às deformações, aos borrões, ou ao uso inadequado da cor.

O desenho de observação é realizado na presença de objetos ou imagens, tanto de objetos da natureza como de cenas escolhidas pela criança em livros de história infantis, em revistas, na televisão etc. O objetivo da atividade é examinar o que as crianças pensam sobre as transformações que acontecem com a imagem observada após registrá-la em desenho. Dos diversos alunos do Centro Educacional Inconfidentes que realizaram essa atividade, foram selecionados os alunos G e H, com 4 anos de idade, do 1º Período da Educação Infantil. A imagem selecionada foi a da história “Os músicos de Bremen” (conhecida também pelo nome “Os quatro animais”), que possui uma imagem de um galo em cima de um gato, que estão em cima de um cachorro que, por sua vez, está em cima de um cavalo.

Os alunos, na percepção de Luquet citado por Meredieu (2004, p. 20-24), se encontram entre o período do realismo fortuito e o do realismo fracas-

sado, apresentando sóis e a construção do desenho através de girinos. Entretanto, o aluno G conseguiu abstrair a quantidade de animais, tentou escrever o seu nome e desenhou o chão que coloriu de azul posteriormente, ao contrário do aluno H, que se indispôs, a princípio, por alegar que não sabia desenhar. Ao ser estimulado, esse aluno conseguiu fazer a atividade, desenhando três animais, sendo que o animal do meio era menor do que o animal que estava por cima e sua cabeça ainda estava na direção contrária à dos outros dois animais, que seriam a representação gráfica do cavalo e do gato (ou do galo).

5 - A RELAÇÃO DESENHO/APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O desenho da criança, além de ser a primeira manifestação da escrita humana, é também a primeira forma de expressão usada por ela. Quando a criança desenha, representa sua própria leitura de mundo, como enxerga a vida e expressa o que sente.

Para Ana Maria Zenicola (2001, p. 77-79), psicopedagoga, o desenho é uma forma de expressão e comunicação, ligada às artes, ao lúdico, ao que é prazeroso, mas pouco utilizado com tal finalidade pelas escolas, pelos professores e pelos terapeutas. É comum, hoje em dia, os professores, na fase de alfabetização, separarem a criança dessa forma de expressão. O resultando é notório, sempre que se pede à criança que desenhe, sua resposta é quase instantânea “- Eu não sei desenhar”, diz ela.

O que é este saber? Como querer que a criança use símbolos gráficos (as letras), estipulados pelo professor, se ela for inibida de utilizar os símbolos que ela conhece para elaborar sua idéia?

Através do desenho, a criança coloca no papel, com toda a emoção, suas vivências, seus sentimentos, a visão do seu contexto social, da sua família, da sua escola etc. De forma descontraída e prazerosa, aprende a desenvolver noções de espaço, tempo, quantidade, sequência, apropriando-se do próprio conhecimento, que é construído respeitando seu ritmo. Além disso, através do desenho livre, ela adquire as primeiras noções da função social da escrita, pois sua comunicação feita através do desenho pode ser compreendida por outras pessoas antes que ela aprenda a escrita convencional.

Jean Piaget afirma que a criança, quando aprende algo novo, recorre ao que já sabe e apropria-se do desenho como forma de representação gráfica desde a primeira vez que tem contato com o lápis e o papel, coordenando os movimentos do braço e da mão segurando o lápis e o papel (PIAGET apud CARVALHO, 2008).

Mesmo que os desenhos não possam ser interpretados com significado pelo professor e a criança mude de idéia a cada vez que se pergunte o que ela desenhou, o desenho deve sempre ser valorizado pelos educadores e a importância dessa valorização deve ser compreendida e compartilhada com os pais, uma vez que toda aprendizagem tem seu valor e o desenho é uma forma de aprendizagem. Quando a criança é valorizada em algo que sabe, tem prazer nisso e sente-se estimulada a aprender mais.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo, foi possível constatar algumas conclusões do estudo teórico do tema nos resultados da pesquisa de campo que foi realizada.

Retomando os objetivos iniciais do trabalho, pela pesquisa, percebeu-se que as crianças que utilizam o desenho para se expressar, desde a educação infantil, têm maior facilidade de aprender. O desenho é um pré-requisito para a aquisição da linguagem escrita e esse tema deve receber maior ênfase nos cursos de Pedagogia, visto que sua proposta é formar educadores para atuarem na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

O universo do grafismo infantil é rico em várias dimensões e, focando a Pedagogia, percebemos que o desenho é uma ferramenta diagnóstica, lúdica, prazerosa e uma prática educativa relevante para o professor e necessária ao desenvolvimento do aluno. É importante ressaltar, ainda, que os educadores e os pais valorizem o desenho infantil, pois esta é a primeira forma de aprendizagem a que a criança tem acesso.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Teresinha Véspoli de. **O desenho e a aprendizagem**. Disponível em: <<http://edurevista.vilabol.uol.com.br/artigdesenhaaprendizagem.html>>. Acesso em: 09 out. 2008.

DI LEO, Joseph H. **A interpretação do desenho infantil**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 218 p. (Biblioteca Artes Médicas. Psiquiatria, psicologia, psicanálise).

FREINET, Célestin. **O método natural**. Lisboa: Estampa, 1977. 3 v.

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Cap. 02, p. 11-24.

MEREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. **Os saberes de professores da educação infantil: as diversas linguagens**. Disponível em: <www.alb.com.br/anais16/sem13pdf/sm13ss11_04.pdf>. Acesso em: 10 out. 2008.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e construção do conhecimento na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1996.

ZENICOLA, Ana Maria. Avaliação da aprendizagem através do desenho.. Psicopedagogia: **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 77-79, set. 2001.